

A HISTÓRIA ENTERRADA SOB A PRAÇA DA UCRÂNIA

Camila Isadora Maier
Pedro Henrique Ribeiro de Oliveira

*“Nas grandes cidades, no pequeno dia a dia
O medo nos leva a tudo, sobretudo à fantasia
Então erguemos muros que nos dão a garantia
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia.”*
(Augusto Licks e Humberto Gessinger, 1991)

Resumo: O presente artigo objetiva reconstruir a história da pista de skate da Praça da Ucrânia, em Curitiba, entre os anos de 1965 e 1999. Criada originalmente como um ringue de patinação, a estrutura foi apropriada por jovens skatistas a partir da década de 1970 e consolidou-se como espaço simbólico de formação cultural e identidade urbana. O trabalho analisa, com base em fontes documentais, orais e visuais, como esse espaço foi progressivamente deslegitimado e, por fim, soterrado, num gesto que revela não apenas uma intervenção física, mas também um processo de gentrificação simbólica e apagamento institucional. A ausência de registros oficiais e o silêncio da imprensa da época contrastam com a potência da memória oral dos praticantes, tornando o caso exemplar para a compreensão das disputas por direito à cidade e permanência cultural no espaço urbano..

Palavras-chave: skate; memória urbana; gentrificação; história oral; Curitiba.

1 INTRODUÇÃO

Em 29 de outubro de 1967, foi inaugurada no bairro Bigorrião, em Curitiba, a Praça da Ucrânia, espaço público projetado em 1965 pelo arquiteto José Maria Gandolfi, figura central na história da arquitetura paranaense e um dos criadores do curso de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná. Entre os elementos que compunham o projeto original da praça, constava um ringue circular de patinação, que logo seria apropriado por outros corpos, outros usos e outra temporalidade.

No ano de 1974, em plena ebulição da cultura jovem urbana e do chamado “boom” do skate no Brasil, esse espaço projetado para a patinação foi ressignificado pela prática livre e emergente do skate. Ali, nas bordas de uma cidade em rápida transformação, nasceu não apenas uma pista improvisada, mas um lugar de pertencimento, convivência e criação de laços comunitários. A pista da Praça da Ucrânia, conhecida informalmente como “panelinha”, foi durante décadas um dos principais pontos de encontro dos skatistas curitibanos, funcionando como escola informal, centro de iniciação esportiva e espaço de resistência contra o ordenamento urbano tradicional. A importância do local é confirmada não só pela memória afetiva de seus frequentadores, mas por seu protagonismo no surgimento de talentos como Larissa Carollo, primeira brasileira a vencer uma etapa do circuito mundial de skate, em 2000.

Apesar de sua relevância histórica e cultural, a pista foi soterrada em 1999, sem consulta pública, sem memorial e sem qualquer reconhecimento simbólico por

parte do poder público. No lugar do concreto riscado por manobras, ergueu-se um canteiro florido. Um gesto aparentemente simples, mas que encerra uma narrativa complexa de apagamento, conflito e reconfiguração do espaço urbano. Este artigo investiga essa trajetória, não como simples registro de fatos, mas como disputa por sentidos na paisagem da cidade.

O presente artigo propõe-se a reconstruir e analisar essa história apagada. Parte-se de um conjunto de fontes documentais e orais, incluindo registros da imprensa da época, vídeos e depoimentos de skatistas, além do projeto original da praça. Por meio dessas evidências, busca-se compreender não apenas como se deu o soterramento da pista em 1999, mas o que ele significou para a cultura urbana curitibana e para a política de ordenamento dos corpos na paisagem da cidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Seguindo a trilha deixada por autores como Henri Lefebvre e David Harvey, compreende-se o espaço urbano não como dado neutro, mas como campo de produção social e disputa simbólica. A Praça da Ucrânia, neste sentido, é um palimpsesto: sob a terra, sob as flores, sob o pavimento com padronização em ponto cruz, resistem histórias de juventude, coletividade e enfrentamento ao projeto hegemônico de cidade. A pista, soterrada às vésperas do novo milênio, simboliza o tensionamento entre duas lógicas urbanas: de um lado, a vida pública espontânea, criativa e imprevisível; de outro, o ordenamento racional, disciplinador, com seus protocolos de modernização e segurança.

Entre os anos 1965 e 1999, o bairro Bigorrião passou por um processo intenso de verticalização e valorização imobiliária. Conhecido por sua forte presença de imigrantes do leste europeu e por uma paisagem antes marcada por chácaras e residências térreas, o bairro foi transformado em um dos mais adensados e comercialmente ativos de Curitiba. Com a chegada de novos moradores e empreendimentos de alto padrão, emergiram também novas sensibilidades urbanas, que passaram a considerar práticas como o skate como indesejáveis ou ruidosas. O destino da pista está diretamente relacionado a esse processo, que pode ser lido como uma expressão local de gentrificação.

Neil Smith (1996) define a gentrificação como uma forma de “revanchismo urbano”, pela qual espaços antes apropriados por grupos populares são reestruturados para atender à lógica de mercado e às expectativas da elite urbana. No caso da Praça da Ucrânia, esse processo não se deu apenas pela substituição física de um equipamento esportivo, mas pela negação simbólica de uma cultura, de uma memória e de um direito de existência no espaço público. Trata-se, portanto, de uma gentrificação que também se opera no campo do sensível, no silenciamento de vozes, na invisibilização de práticas, na desautorização da juventude como sujeito legítimo da cidade.

3 METODOLOGIA

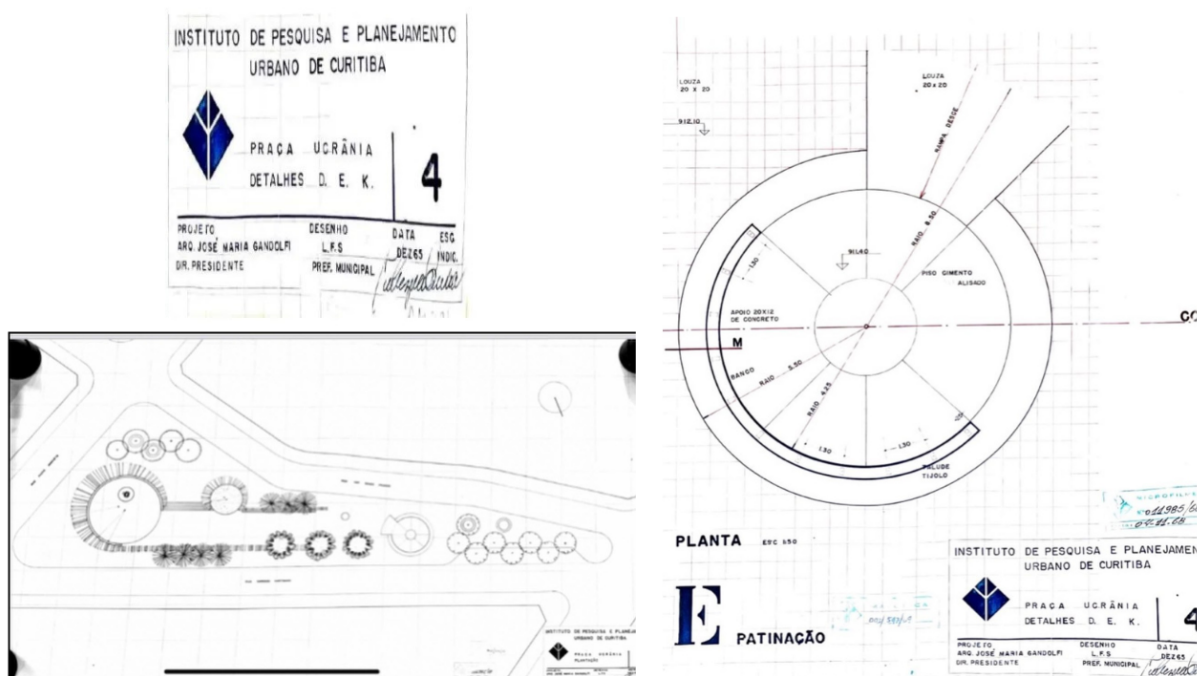
Este artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa e historiográfica, com base em um corpus documental híbrido composto por fontes primárias e secundárias de diferentes naturezas, articuladas como um mosaico interpretativo que permite reconstituir o processo de apropriação, conflito e soterramento da pista da Praça da Ucrânia, em Curitiba, entre os anos de 1965 e

1999. Como defende Marc Bloch (2001), o historiador é, acima de tudo, um trabalhador das fontes, e é nelas que se estrutura o campo de validade da pesquisa. No presente estudo, o cruzamento entre registros orais, documentais e jornalísticos buscou evitar que a narrativa se construísse sobre lacunas sem crítica ou sobre certezas sem verificação.

A pesquisa documental foi conduzida por meio de levantamento em acervos digitais, especialmente na Hemeroteca Digital Brasileira, onde foram utilizadas palavras-chave como “skate”, “skatista”, “Praça da Ucrânia”, “pista” e “Bigorrilho”. Apesar da escassez de registros sobre o skate especificamente na Praça da Ucrânia, a busca resultou na identificação de uma matéria de 1977 e em diversas outras reportagens sobre a emergência do skate como prática urbana na cidade, entre os anos 1970 e 1990. O material obtido foi triangulado com os depoimentos orais, imagens de arquivo pessoal e registros audiovisuais fornecidos por ex-praticantes e ativistas.

Entre as fontes primárias, destaca-se a planta original da Praça da Ucrânia, datada de 1965 e assinada pelo arquiteto José Maria Gandolfi, um dos fundadores do curso de Arquitetura da UFPR. O documento foi localizado por meio do contato com militantes e pesquisadores envolvidos na recente mobilização pela preservação da praça e integra o acervo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). As três imagens que compõem essa planta - o desenho geral da praça, a indicação do ringue de patinação e a assinatura técnica do arquiteto - organizadas na figura 1, nos permitiram a análise da concepção original do espaço.

Figura 1 – Vista geral da planta da Praça da Ucrânia, com destaque para o ringue de patinação circular.



Fonte: CURITIBA (Município). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). Planta urbanística da Praça da Ucrânia. Curitiba, 1965.

Outra fonte fundamental é a matéria publicada no jornal Correio de Notícias, em 30 de outubro de 1977, localizada na Hemeroteca Digital Brasileira, cuja capa

(Figura 2) e a página de reportagem (Figura 3) representam o único registro impresso conhecido que menciona diretamente a presença de skatistas na praça durante os anos 1970. Trata-se de uma peça central para a datação da apropriação urbana do espaço, confirmando a presença skatista no local em um período anterior ao reconhecimento institucional da prática.

Figura 2 – Capa do jornal que menciona o uso da Praça da Ucrânia por skatistas.



Fonte: CORREIO DE NOTÍCIAS. [Matéria sobre skate na Praça da Ucrânia]. Curitiba, 30 out. 1977, capa. Hemeroteca Digital Brasileira..

Figura 3 – Encarte e detalhe da reportagem na página 7, do caderno Editorial



Fonte: CORREIO DE NOTÍCIAS. [Matéria sobre skate na Praça da Ucrânia]. Curitiba, 30 out. 1977, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira..

Adicionalmente, integram este estudo cinco entrevistas realizadas entre maio e junho de 2025 com frequentadores históricos da pista: Ricardo Goswod, Marcos Pesch, Luís Fernando (Tocha), Cassiano Novo e Ricardo Blasch. Cujas seleção considerou sua relevância na cena curitibana, sua atuação na mobilização recente e o profundo conhecimento que detêm sobre a trajetória local do skate. Os relatos foram transcritos e organizados, se constituindo como fontes testemunhais e afetivas, oferecendo nuances e sentidos que escapam aos registros oficiais.

As entrevistas com ex-skatistas foram tratadas como fontes testemunhais complementares, não substitutivas aos documentos escritos, mas igualmente valiosas para capturar essas dimensões afetivas, subjetivas e simbólicas da ocupação da praça. Reconhecemos que há, nos relatos, marcas de memória elaborada e possíveis nuances de romantização, mas também uma densidade histórica incontornável, que se manifesta nas práticas, nos corpos e nos afetos vividos à margem da oficialidade.

Por fim, compõe-se ainda a Figura 4, com uma notícia jornalística de origem indefinida, preservada em acervo pessoal, que menciona a proposta, jamais concretizada, de reconstrução da pista em outra localidade, no espaço da Sociedade União Juventus. A ausência de identificação do periódico não diminui seu valor documental, sendo tratada aqui como um fragmento revelador das promessas não cumpridas que marcaram o fim da pista.

Figura 4 – Matéria sem autoria ou periódico identificável, mencionando a proposta de transferência da pista para o Clube União Juventus..



Fonte: [AUTOR DESCONHECIDO]. [Notícia sobre proposta de pista de skate no Clube União Juventus]. [S.l.], [s.d.]. Recorte preservado em acervo pessoal.

Como fontes secundárias e também como suporte teórico parcial, destacam-se a dissertação de mestrado de Joana Corrêa da Silva (2023), dedicada ao estudo das pistas públicas de skate na cidade; o artigo coassinado por Silva e Capraro (2023), que examina as manifestações espaciais da cultura skatista curitibana ao longo do século XX; e o documentário Curitown (2023), que contribui para a compreensão da memória coletiva dos praticantes. O referencial conceitual da pesquisa é sustentado por autores como Henri Lefebvre (2006), com sua teoria sobre a produção social do espaço; David Harvey (2014), com a noção de direito à

cidade; Neil Smith (1996), ao interpretar a gentrificação como forma de revanchismo urbano; e Raquel Rolnik (2019), ao discutir os efeitos de políticas urbanas que intensificam os mecanismos de exclusão e apagamento nas cidades contemporâneas.

Uma limitação importante do presente estudo foi a falta de acesso a fontes oficiais detalhadas sobre o processo de soterramento da pista em 1999. Não foram localizados documentos administrativos diretos (atas, pareceres técnicos, relatórios da Prefeitura ou do IPPUC) que justifiquem formalmente a decisão de enterrar a estrutura. Essa ausência não é apenas um problema empírico: ela pode revelar um apagamento institucional deliberado, que transforma a própria escassez de fontes em indício relevante da disputa simbólica pelo espaço.

Outra limitação está ligada às condições materiais e temporais da pesquisa, realizada em meio ao semestre letivo e com barreiras de acesso físico aos arquivos da Câmara Municipal de Curitiba e da Biblioteca Pública do Paraná. Tais fatores nos obrigaram a recorrer a fontes de acesso remoto e ao contato com redes de militância digital.

Ainda assim, compreendemos que, como afirmou Lefebvre, "o historiador não é o homem que sabe: é o homem que busca". E nesta busca, mesmo as ausências se tornam parte do método, e da história.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Entre rodas e manobras: a apropriação da pista (1974–1999)

A história da pista da Praça da Ucrânia inicia-se, de maneira não oficial, em 1974, quando jovens skatistas começaram a utilizar a pista circular originalmente projetada como ringue de patinação. Ainda que não tenha sido construída para o skate, a pista logo se tornou um dos espaços mais frequentados pela juventude curitibana praticante da modalidade, sendo considerada por muitos a mais antiga pista de skate do Brasil, anterior, inclusive, à pista de Nova Iguaçu (RJ), inaugurada em 1976.

A apropriação do espaço foi marcada por múltiplos sentidos: os relatos orais reunidos por esta pesquisa destacam a Praça da Ucrânia como lugar de iniciação esportiva, de encontro comunitário, de formação ética e estética. A prática do skate no local não era apenas um gesto atlético, era também uma forma de pertencimento urbano, onde liberdade, desafio e coletividade se entrelaçavam. Como narram os próprios frequentadores, a pista era "para começar a andar mesmo", "de transições leves", mas também local de altas performances físicas, aprendizado técnico e convívio entre diferentes gerações de skatistas.

As dimensões afetivas da memória emergem com força nos depoimentos. Um dos entrevistados relata: "Eu comecei a andar de skate lá, então sou suspeito para falar. Mas, depois de quase 30 anos andando, algumas das minhas melhores memórias são de lá". Outro reforça o caráter coletivo da experiência: "Estudávamos no Cesmag, e os vizinhos já andavam em 1989. Muita alegria, muitos desafios de aprender manobras, fazer com perfeição".

É importante destacar que, mesmo reconhecendo a pista como precursora, alguns praticantes apontaram que ela tinha um perfil mais iniciante, com praticantes menos numerosos ou não tão técnicos. Ainda assim, a própria divergência entre os depoimentos ajuda a desenhar a riqueza e diversidade das apropriações possíveis

naquele espaço: a praça não era apenas um palco para o esporte, mas para a construção de microcenos urbanas, às vezes em harmonia, às vezes em disputa.

4.2 O conflito como paisagem: tensões com moradores e o cerco simbólico

A presença dos skatistas na praça, embora rica em experiências, não foi isenta de resistência. Pelo contrário: à medida que o bairro Bigorriho se transformava num espaço verticalizado, valorizado e frequentado por camadas médias-altas, crescia também a intolerância com práticas consideradas “barulhentas”, “inadequadas” ou “marginais”. Os relatos dão conta de um cerco simbólico e material por parte de moradores vizinhos à praça, principalmente daqueles cujos apartamentos estavam voltados para a pista.

Diversos entrevistados relataram episódios de hostilidade explícita: restos de alimentos podres jogados na pista, presença de óleo sobre o solo, ovos quebrados e até mesmo areia, tudo com o intuito de impedir a continuidade da prática. O discurso recorrente dos moradores era o da perturbação sonora, mas, como relatam os próprios skatistas, esse incômodo era frequentemente carregado de preconceito contra a juventude, a cultura urbana e os modos alternativos de ocupar a cidade.

O conflito não se deu apenas entre usuários e vizinhança. A ação da Polícia Militar, chamada com frequência por moradores, era marcada pela repressão e pela intimidação: “A polícia na época e ainda hoje não tem diálogo aberto com o skatista de rua, sempre era repressão e ameaças”, relata um dos entrevistados. Não se tratava apenas de um problema de volume sonoro, mas de um embate mais profundo sobre quem pode ocupar o espaço público, em que condições, e segundo quais normas de comportamento.

Essa disputa, silenciosa nos documentos oficiais e visível nos gestos cotidianos, materializa o que Neil Smith (1996) conceitua como “revanchismo urbano”: a tentativa de reconquista simbólica da cidade por parte das classes médias e altas, expulsando os usos populares, não por meio da força legal explícita, mas por meio da hostilidade cotidiana e da pressão política informal.

4.3 O soterramento de 1999: o silêncio como sentença

O fim da pista de skate da Praça da Ucrânia ocorreu de forma abrupta e sem qualquer registro público acessível que indicasse planejamento, justificativa técnica ou ordem oficial para sua demolição. A ausência de documentação (ao menos até o presente momento da pesquisa) transforma o próprio silêncio institucional em indício. A pista foi soterrada em 1999, substituída por um canteiro de flores, sem escuta, sem consulta pública, sem elaboração de memória. Não foi sequer considerada digna de nota nos jornais locais.

Essa operação invisível, marcada por uma ausência quase cirúrgica de rastros, revela uma disputa desigual de forças. Como afirmam os entrevistados, naquele momento os skatistas formavam o elo mais fraco da relação com o espaço urbano: sem capital político, sem reconhecimento cultural e ainda carregando o estigma de “desordeiros”, foram removidos não apenas do solo da praça, mas também da narrativa oficial da cidade. A pista não foi reformada, nem fechada - foi enterrada.

A leitura do episódio como um gesto simbólico de exclusão encontra respaldo em autores como Neil Smith (1996), que interpreta a gentrificação como forma de reposseção das cidades por elites que percebem certos usos populares como

obstáculos à sua estética, sua segurança e seu conforto. Ao enterrar a pista, a cidade não apenas retirou um equipamento esportivo, ela recodificou o bairro, apagando práticas que não se encaixavam no novo imaginário urbano do Bigorrilho verticalizado, elitizado e “ordenado”.

4.4 Gentrificação e higienização simbólica no Bigorrilho

Durante as décadas de 1970 a 1990, o bairro do Bigorrilho passou por um processo acentuado de transformação urbana. O que antes era um espaço predominantemente residencial, com chácaras e casas térreas, tornou-se um dos bairros mais verticalizados de Curitiba. A tentativa de mudar o nome oficial do bairro para “Champagnat” (em referência à Congregação Marista) é, por si só, reveladora do desejo de reconstruir simbolicamente o território, apagando seu passado associado a outras camadas sociais, práticas culturais e significados históricos.

A retirada da pista de skate se insere neste processo. Com a expansão da especulação imobiliária e a chegada de novos moradores de perfil socioeconômico mais alto, passou-se a demandar uma “nova paisagem urbana”, sem barulho, sem juventude não monitorada, sem práticas corporais espontâneas. Como bem observa Rolnik (2019), a gentrificação não é apenas um processo de valorização territorial, mas um mecanismo de controle sobre os modos de vida permitidos na cidade.

A pista da Ucrânia, nesse contexto, tornou-se um elemento dissonante, uma peça incômoda num bairro que desejava projetar ordem, status e respeitabilidade. Soterrá-la foi menos uma decisão técnica e mais um gesto político de recomposição da paisagem para atender aos novos padrões de urbanidade esperados, ainda que silencioso, esse gesto ecoa até hoje nos corpos que lembram, resistem e narram.

4.5 O silêncio das instituições e o grito da memória

O apagamento da pista da Praça da Ucrânia não se restringiu ao plano físico. A ausência de cobertura jornalística sobre sua destruição, o silêncio das instituições e a falta de arquivos administrativos acessíveis sobre a decisão municipal de soterrá-la constituem um apagamento institucional articulado.

Esse silêncio é também reflexo da posição social dos skatistas no período. Como grupo jovem, periférico e associado a práticas “de rua”, seus interesses não eram pauta nem prioridade. Sua perda não foi registrada, debatida ou lamentada. A ausência de menção nos jornais da época, ao contrário das matérias entusiasmadas sobre inauguração de novas pistas ou campeonatos esporádicos, escancara a seletividade das narrativas sobre o espaço urbano e seus sujeitos legítimos.

Por outro lado, é na memória dos praticantes que a pista continua a existir. Os depoimentos coletados nesta pesquisa revelam não apenas lembranças individuais, mas um sentido coletivo de pertencimento e crescimento pessoal. Em uma das entrevistas, lê-se:

"[...] Meu particular obrigado aos frequentadores da Pista da Ucrânia e às boas amizades que pude fazer neste lugar, que junto à evolução como skatista, me trouxeram evolução como pessoa e cidadão."

É no corpo e na voz desses sujeitos que o passado resiste, como um traço ainda visível no chão, uma marca que a terra tentou esconder, mas que a história insiste em desenterrar.

5 CONCLUSÃO

O caso da pista de skate da Praça da Ucrânia é, antes de tudo, uma história de apagamento. De um espaço nascido na improvisação, cultivado na coletividade e destruído pela imposição silenciosa de uma nova ordem urbana. De um território que, embora tenha abrigado os primeiros skatistas da cidade e, possivelmente, a primeira pista do Brasil, jamais foi plenamente reconhecido por aqueles que escrevem a história oficial da cidade.

Entre 1965 e 1999, a praça viu nascer, crescer e desaparecer um modo de vida. Não houve confronto aberto, nem demolição explícita. Houve um gesto técnico, encoberto por argumentos de paisagismo, que encerrou décadas de ocupação criativa. E esse gesto fala alto. Ele diz quem tem o direito de estar, de praticar, de deixar marcas na cidade. Diz que há formas de vida que, mesmo quando fundadoras de uma história, podem ser varridas sem alarde.

Mas a memória é mais teimosa que o concreto. Neste trabalho, ao reunir fontes fragmentadas, relatos afetivos e documentos esquecidos, foi possível reconstituir parte dessa trajetória. E, ao fazê-lo, reafirmar que fazer história, como nos ensina Marc Bloch, é o esforço de farejar a carne, mesmo quando ela foi enterrada sem velório e em vala comum, decorada com flores para mascarar a putrefação.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CORREIO DE NOTÍCIAS. [Matéria sobre skate na Praça da Ucrânia]. Correio de Notícias, Curitiba, 30 out. 1977. Capa e p. 7. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.gov.br/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CURITIBA (Município). **Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC**. Planta urbanística da Praça da Ucrânia. Curitiba, 1965. Acervo pessoal.

ENGENHEIROS DO HAWAII. **Muros e grades**. In: Várias variáveis [CD]. São Paulo: RCA Records, 1991. 1 disco sonoro (46 min).

FERNANDO, Luís (Tocha). Entrevista concedida em mai. 2025. Curitiba. Acervo pessoal.

GOSWOD, Ricardo. Entrevista concedida em jun. 2025. Curitiba. Acervo pessoal.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 294 p.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : fev. 2006.

NOVO, Cassiano Ferreira. Entrevista concedida em mai. 2025. Curitiba. Acervo pessoal.

PESCH, Marcos. Entrevista concedida em jun. 2025. Curitiba. Acervo pessoal.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. São Paulo: Boitempo, 2019.

SILVA, Joana Caroline Corrêa da. **Skate, uma expressão da cidade: as pistas públicas e os prelúdios da prática em Curitiba – PR**. 2023. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

SILVA, Joana Caroline Corrêa da; CAPRARO, André Mendes. **As manifestações espaciais e pistas públicas de skate de Curitiba no século XX**. Movimento (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, v. 29, e29085, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/129085>. Acesso em: 19 mai. 2025.

SILVA, Victor Augustus Graciotto et al. **Curitown: a cultura do skate em Curitiba**. Direção: Victor Augustus Graciotto Silva. Direção de fotografia e edição: Eli Firmeza. Produção: Máquina de Escrever | Editora | Produção Cultural. Curitiba: 2023. Documentário (58 min.).

SMITH, Neil. **The new urban frontier: gentrification and the revanchist city**. London: Routledge, 1996.

[AUTOR DESCONHECIDO]. [Notícia sobre proposta de pista de skate no Clube União Juventus]. [S.l.], [s.d.]. Recorte de jornal preservado em acervo pessoal.

APÊNDICE 1 – APRESENTAÇÕES DOS OUTROS GRUPOS

Gostamos muito de observar os outros grupos apresentarem os próprios trabalhos, pois assim como a gente, eles expuseram a história de algo que fosse do interesse deles, o que tornou a atividade ainda mais interessante, pois com essa liberdade pudemos desenvolver nossas pesquisas com muito mais êxito e ânimo. De modo geral, os grupos se saíram bem, alguns ajustes que o professor mencionou, mas também muitos elogios e muitos pontos positivos. Foi interessante observar também algumas aproximações entre as histórias, um exemplo disso foi o trabalho do Maia sobre o surgimento do surf, e o nosso sobre o início do skate no Paraná, onde ficou explícito, nas duas produções, o quão marginalizado foi a chegada desses dois esportes “radicais” que vieram da Califórnia, na mesma época. Esse tipo de observação nos permite até idealizar futuros trabalhos comparativos entre os dois temas, por isso a presença de toda a turma para acompanhar as apresentações dos outros grupos foi fundamental. Além disso, acompanhar as apresentações dos colegas, me permitiu descobrir temas que nem imagina ser possível fazer uma análise histórica dessa proporção, como por exemplo o trabalho do Bernardo e do Guilherme, onde eles discorreram sobre o Voleibol Feminino Cubano e o Brasileiro, trazendo a rivalidade dos dois países entre os anos 1980 e 2000, um tema que provavelmente, ao ver da turma não era de se imaginar um possível trabalho discorrendo sobre este assunto. De modo geral, o trabalho final da disciplina de história nos proporcionou um maior repertório de temas e acontecimentos importantes para a história do esporte.